

CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: OS CORPOS QUE QUEREMOS EDUCAR

¹ PRISCILA FIGUEIREDO CAMPOS

² MARILANE DE CÁSCIA SILVA SANTOS

² PROGRAMA EUROAMERICANO DE MOTRICIDADE HUMANA

RMH - POS GRADUAÇÃO STRITU SENSO EM NEUROCIENCIA - URUGUAY

UNIVERSIDAD DE LA REPUBLICA -- UDELAR-- Montevideo - Uruguay

¹ ²UNIPAC VALE DO AÇO – Ipatinga – MG – Brasil

priscilaefi@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A corporeidade vem sendo pesquisada por diversas áreas do conhecimento. Corporeidade: é a condição de presença, participação e significação do homem no Mundo. E assim “a motricidade emerge da corporeidade como sinal de quem está-no-mundo-para-alguma-coisa, isto é, com sinal de um projeto. Toda a conduta motora inaugura um sentido através do corpo”, Cunha (1994, p.155).

O corpo compreendido influencia significativamente na forma como tratamos e trabalhamos com os “corpos” dos outros. Ao longo dos anos, o corpo ganhou mais espaço na vida das pessoas, seja através de estudos, da mídia, do ambiente escolar ou simplesmente por pensamentos que invadem nossas cabeças, de corpos “esteticamente perfeitos”.

A partir do momento que entendemos a corporeidade como sendo a unificação entre corpo e mente, passamos a acreditar que só é possível educar o ser humano quando desenvolvemos todos os âmbitos deste ser, ou seja, corpo e mente junta.

Segundo Santos e Vargas (2011), toda ação educativa é sempre complexa e exige que atentemos para vários fatores, como o contexto social, já que ela recebe influência não somente dos comportamentos individuais de quem a exerce, em especial, os pais e os professores. Os aspectos culturais e sociais também atuam profundamente no processo educativo e sobre a base biopsicológica de cada indivíduo.

A Educação Física tem um papel ímpar no desenvolvimento da motricidade humana, responsável pelo crescimento e desenvolvimento dos indivíduos que devem ser trabalhados de maneira que o contemplem como uma unidade indissociável, que necessita adquirir e desenvolver esta corporeidade na intenção de fazer deste corpo manifestações de vida.

CORPO E CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A prática de exercícios físicos e de atividades físicas leva o corpo a sistematizar movimentos esportivos com os estímulos do profissional de Educação Física. A corporeidade, compreendida como comportamento cerebral, levará o aluno a reconhecer e utilizar o corpo como instrumento facilitador das questões intrínsecas e extrínsecas, relacionando com o mundo de uma maneira geral.

É na instituição escolar que a bagagem cultural de uma sociedade é transmitida de geração em geração, de maneira dinâmica e ininterrupta. E o corpo é parte dessa bagagem; e está presente não só nas aulas de Educação Física, mas também nas de Ciências e Biologia, por exemplo. Porém, o movimento, ou a cultura corporal do movimento é parte exclusiva do currículo da Educação Física.

Segundo Sergio (1996), por meio da corporeidade, [...] É que o ser humano é corporeidade e, por isso, é movimento, expressividade e presença. A mulher e o homem são movimento que se faz gesto, gesto que fala e que se assume como presença expressiva,

falante e criadora. E assim, se manifesta a Motricidade Humana... que não cansa porque não é repetição, mas criação.

Entendendo que a corporeidade apresenta-se como fator de trabalho primordial da Educação Física, e é através do corpo que alcançamos a corporeidade, a afirmativa torna-se um referencial para os profissionais de Educação Física, pois, “compreender” a corporeidade é saber olhar sensivelmente o corpo na busca da sua consciência corporal e não da disciplina imposta ou padronizada.

De acordo com Feijó (1998, apud Santos, 2009, p. 31) o movimento do corpo não se dá por acaso, gratuitamente, e nem são manifestações supérfluas do organismo, mas necessidades físicas e emocionais da pessoa com algum significado integrado a um denominador comum, em uma dinâmica única de energia pessoal, porque o corpo funciona como o local onde existe a personalidade. Ao mesmo tempo, entretanto, o corpo é subjetivo porque, na realidade, o sujeito que “eu sou” identifica-se com “meu corpo”. Assim, rigorosamente falando, eu não devo dizer que “tenho” corpo, mas que “sou” corpo.

De acordo com Aranda et al (2012.):

Nos dias de hoje, o corpo está em evidência. A pós-modernidade sugere tipos de corpos que sejam aceitos pela sociedade e não são admitidas imperfeições. O indivíduo não pode ser gordo, feio, velho, ou seja, há um padrão imposto e pré-estabelecido. A problemática em questão é que a maioria das pessoas não se ajusta ao modelo globalizado que está em moda e que é fortemente divulgado pela mídia. Ainda segundo os mesmos autores, o corpo corre o risco de se conectar as noções de instrumentalidade a serviço da tecnologia e da ciência, do trabalho, da ordem e do progresso, da saúde, da estética, da moda, entre outros (p. 737).

Assim sendo, estamos em um momento em que o indivíduo mudou sua relação com o corpo, onde a preocupação com o corpo “visual” ultrapassa o sentido e a importância do corpo “humano”, livre para viver e fazer parte da complexidade humana.

A obsessão pelo corpo se expressa em atos, na maioria das vezes, impensáveis, de transformações sucessivas e sem levar em consideração os próprios limites corporais. Na instituição escolar não é diferente – inclusive nas aulas de educação física – damos ao corpo o papel secundário, de agente passivo no processo de ensino aprendizagem (ALEXANDRINO *et al.*, 2013).

IMAGEM CORPORAL

A imagem corporal desenvolve-se do nascimento até a morte, em uma estrutura complexa e subjetiva, sofrendo modificações que levam a uma construção contínua, resultante do processamento dos estímulos recebidos.

Mataruna (2004) define imagem corporal como a figuração do próprio corpo, formada e estruturada na mente do mesmo indivíduo, ou seja, a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. Através das experiências e vivência, o aluno irá constituir seu próprio limite e concepção do corpo, limite este que lhe concedera percepção do seu corpo, para o seu corpo e para o outro corpo.

A criança percebe seu próprio corpo por meio de todos os sentidos, estando o seu corpo ocupando um espaço no ambiente em função do tempo, captando assim imagens, recebendo sons, sentindo cheiros e sabores, dor e calor, movimentando-se.

Segundo Ramos (2002, apud Mataruna, 2004) a noção do corpo está no centro do sentimento de mais ou menos disponibilidade e adaptação que temos de nosso corpo e está no centro da relação entre o vivido e o universo. É nosso espelho afetivo-somático ante uma imagem de nós mesmos, do outro e dos objetos.

O corpo para o aluno ira representar um mundo real e imaginário que para Mataruna 2004, este corpo é o seu centro, o seu referencial, para si mesma, para o espaço que ocupa e na relação com o outro.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

A Educação Física existe em função do homem, enquanto ser individual e social. Nessa medida, é cultura no seu sentido mais amplo, fertilizando o campo de manifestações individuais e coletivas. É transmissora de cultura, mas pode ser acima de tudo, transformadora de cultura. A sua ação explícita é sobre o corpo, sem dúvida. Mas os benefícios extrapolam o corporal (OLIVEIRA, 2006 apud SILVA, 2011).

Para Steinhilber 2007, a especialidade Profissional em Educação Física configura-se a partir do seguinte conjunto de critérios gerais, relevantes para a área de conhecimento e para a sociedade. Este profissional devera despertar neste aluno, interesse em conhecer este corpo e a partir dele estruturar sua vida na condição de um ser pensante e que vive em movimento.

O movimento citado por Schilder (1999, citado por Silva, 2011) é de uma essencial importância para o reconhecimento e construção da imagem corporal e, ao mesmo tempo, a cada momento em que nos movemos estamos modificando nossa imagem.

É de suma importância estabelecer nos nossos alunos a cultura da corporeidade desde muito cedo, portanto a prática oferecida nas escolas vem de encontro com a Educação Física no processo desta formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corporeidade na condição de facilitador de um “corpo” que pensa, sente, toma decisões e se movimenta despertara nos alunos interesse, satisfação, criatividade, ânimo, bem estar espiritual para desvendar e compreender este corpo como parte de sua existência, e que devera ser respeitado e cuidado.

Esta capacidade criativa de se entender o humano, poderá ser um instrumento de trabalho do profissional de Educação Física como estratégia e articulação para melhor planejamento e desenvolvimento de suas aulas nas escolas.

Na atualidade a busca por um corpo “perfeito” tem se mostrado fator negativo e que requer olhar especial deste profissional que, para Alexandrino (2013), aponta para a urgência de se encarar a complexidade do ser humano e necessidade de mudarmos nosso olhar para o aluno enquanto agente passivo e dar a devida importância ao corpo na escola, pois o corpo é o local de recebimento e emanção de todas as experiências captadas ao longo da vida.

A escola deve promover segurança e confiança para os alunos com intuito de proporcionar uma melhor compreensão do “EU CORPORAL”, que é inerente ao papel do profissional, visto que este é mediador das ações e interações dos seus alunos para o crescimento, e por fim, para a promoção de sua identidade pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRINO, D. F. L. LIMA, C. L. FERREIRA, M. E. C. Linguagem corporal e ensino: até quando manteremos nossos corpos em silêncio? In: GONÇALVES, E. (Org.). Discurso sobre o ensino. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2013.

ANDRADE, M. R. M. AMARAL, A. C. S. FERREIRA, M. E. C. A cultura do corpo ideal: prevalência de insatisfação corporal entre adolescentes. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 4, n. 01, p. 24 – 30, jan/jun 2010.

ARANDA, R.A. PEREIRA, A.M. PALMA, J.A. PALMA, A. P. T. V. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 735 – 747, out/dez 2012.

BONFIM, T.R. Corporeidade e Educação Física. *Revista Fafibe Online*, Bebedouro, v.1, n. 1, julho 2005.

CUNHA, Manuel Sérgio Vieira e. Para Uma Epistemologia Da Motricidade Humana. 2ª ed. Lisboa: Compendium, 1994, p. 155.

DAOLIO, J. RIGONI, A. C. C. ROBLE, O. J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. *Pro-Posições* [online]. 2012, vol.23, n.3, p. 179-193.

NEIRA, M. G. Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física. *Interface*, Botucatu, v.14, n.35, Out./Dez. 2010.

MATARUNA, L. Imagem Corporal: noções e definições. *Revista Digital - Buenos Aires*, Ano 10 n. 71, abril, 2004. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 30 outubro 2013.

SANTOS, M. C. Silva, O Corpo travestido – A luz da Ciência da Motricidade Humana. Ipatinga, v. 01, LECSU, 2009.

SANTOS, M. C. Silva, VARGAS, Angelo. Análise da qualidade de vida e ênfase na interferência do Bullying no processo de aprendizagem dos alunos de 09 a 12 anos inseridos nas escolas Municipais da Cidade de Ipatinga – MG: Uma revisão de literatura. Congresso Sudamericano do MERCOSUL, 2011.

SERGIO, Manuel. Epistemologia da motricidade humana. Lisboa: Edições UTL, 1996.

SILVA, S. A. CARNEIRO, T. R. Q. S. Importância do conceito de imagem corporal no trabalho dos profissionais de Educação Física. (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física). Trindade: Faculdade União de Goyazes, 2011.

STEINHILBER, Jorge. Palavra do Presidente. *Revista E.F. Rio de Janeiro*, n. 24, p.1, jun. 2007. VOGEL, Camila et al. Ressignificando vivências sociais na corporeidade: um estudo etnográfico. *EFDeportes.com*, *Revista Digital*. Buenos Aires, v.14, n.139, dez. 2009.